

UM POUCO DO MUNDO CABE NAS MÃOS: GEOGRAFIZANDO EM EDUCAÇÃO O LOCAL E O GLOBAL⁴

GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 29, n. 2, p. 312-314, mai./ago. 2004

O trabalho, de autoria coletiva reúne 15 contribuições de pesquisadores, conjugando diferentes experiências, docentes e discentes, de práticas pedagógicas e de reflexões investigativas. Tecendo considerações a propósito da epistemologia e do ensino de Geografia, explicitam uma forte matriz freireana. Revelam também uma preocupação com o conhecimento e valorização do cotidiano e do entorno, atentando para a função social da instituição escolar.

De forma sintética, apresento os 15 textos organizados nesta obra por Nelson Rego, Carlos Aigner, Cláudia Pires e Heloísa Lindau, pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/RS):

1. Pires; Lindau e Rodrigues apresentam a efetivação de propostas de (re)significação de identidades territoriais em uma escola Estadual de Porto Alegre, através da adoção de uma perspectiva integradora e totalizante das relações ser humano – sociedade – natureza, que fundamenta a proposta de Educação Ambiental que está sendo desenvolvida na escola. Como tema central traz a reciclagem do lixo produzido, por meio de uma abordagem conceitual sobre os processos de exclusão e segregação sócio-espaçial revelado pela produção e apropriação do espaço e, em seguida contextualiza os conflitos da comunidade onde a escola se insere.
2. Aigner aborda a implantação de modificações na organização do sistema de ensino municipal de Porto Alegre, tanto nas estruturas curriculares como na flexibilização do tempo de aprendizagem e nas formas de avaliação; modificações que o autor relata e que tornou possível a concretização de uma escola que tenta se opor à lógica da globalização no que diz respeito à imposição de valores da sociedade de consumo e à padronização cultural, fortalecendo a identidade local.
3. Em seu texto, Callai traz reflexões sobre a formação do geógrafo, entendendo que tanto o bacharel quanto a licenciatura deveriam ter a mesma formação básica e a especialização na formação do docente acontecer através das práticas e estágios propostos no currículo, para que os profissionais tenham os referenciais teóricos fundamentais que permitam decodificar a análise dos espaços concretos e fazer escolhas metodológicas capazes de dar conta de interpretar a realidade da sociedade em que vivemos a partir da análise espacial.
4. Kaercher discute concepções e crenças presentes nas práticas docentes, muitas vezes pouco eficazes para uma ação pedagógica que se pretende dialógica, criativa e promotora da autonomia dos educandos, repensando a ação docente através de idéias oferecidas por referenciais construtivistas.
5. Relatar uma experiência pedagógica que procurou oferecer oportunidades de significação para alunos socialmente desacreditados, e que, desacreditam no possível pa-

⁴ REGO, Nelson; AIGNER, Carlos; PIRES, Cláudia; LINDAU, Heloísa (Orgs.) *Um Pouco do Mundo cabe nas Mãos: Geografizando em Educação o local e o global*. Porto Alegre/RS: Editora da UFRGS, 2003. 310 p.

pel social da escola, é o objetivo do texto de Fortini.

6. O trabalho de Soomer expõe sobre formas lúdicas para trabalhar conceitos de orientação espacial, enquanto práticas que possam ser utilizadas, de forma integrada e participativa, na construção de conceitos de orientação espacial dentro dos espaços conhecidos dos alunos e de suas vivências. Como exemplo, relata uma atividade – “Caça ao tesouro” – com o objetivo de desenvolver a orientação espacial dentro do lúdico e no espaço concreto da escola.
7. O texto traz um relato de experiência vivenciada na realização de uma oficina de cartografia com o objetivo de orientar o trabalho de alfabetização cartográfica. Segundo a professora e pesquisadora Costella, a oficina refere-se à construção de maquetes, trabalho realizado em duas escolas, uma pública e outra particular, próximas geograficamente, porém diferenciadas em suas ambiências e subjetividades.
8. Fontoura fala sobre uma atividade desenvolvida com alunos de um programa de ensino de jovens e adultos. Através da leitura, debate e elaboração de textos, enfatiza o distanciamento entre as discussões e as produções acadêmicas e a prática cotidiana de sala de aula.
9. A professora Goulart busca entender o que acontece com os alunos com “dificuldades” para aprender geografia. Relata um processo de reflexão sistemática e construção de projetos, ambos em conjunto com outras áreas de conhecimento e mostra resultados surpreendentes dessa relação dialógica e interdisciplinar com o conhecimento.
10. Pensando sobre a escola de hoje e fazendo projeções quanto a futuras formas e funções da escola, Westermann propõe uma ampliação do espaço de sala de aula, que leve a outros ambientes (salas de vídeo, informática, biblioteca, ao resto do mundo), extrapolando assim, os espaços de aprendizagem. Releva, para isso, o fato de fazer das experiências e interesses dos alunos, o ponto de partida para um verdadeiro trabalho pedagógico.
11. Velazquez e Oliveira apresentam um relato sobre a participação em um projeto de educação para o trabalho solidário, como uma proposta política voltada para a economia solidária e uma proposta pedagógica que visa levar os alunos a refletirem sobre as alternativas da questão da renda e perspectivas de vida, citando o exemplo do curso de hortas desenvolvido no projeto.
12. A autora Ana Natividade relata uma pesquisa desenvolvida dentro de um projeto mais abrangente sobre itinerância e formação das significações socioespaciais, a partir de investigações num acampamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST,) onde além de objetivar o olhar em torno de questões educativas, sistematizou impressões e memórias de situações ligadas a diferenciação entre formação rural e formação urbana. Utiliza-se, neste trabalho, de princípios da ação criativa (artes plásticas e investigação científica) para pensar a formação educacional.
13. O movimento *hip hop* num bairro de Porto Alegre é descrito pela professora Gisele Laitano na sua dinâmica interna e nas relações de poder estabelecidas dentro deste território. Defende a idéia de que o conhecimento deve ser contextualizado e interdisciplinar, a partir de uma construção inserida a partir da prática de sala de aula que seja perpassada pela vivência dos alunos e de sua comunidade, através do diálogo. Cita como exemplo, a proposta político-pedagógica do Programa de Ensino para Jovens e Adultos (situado no mesmo bairro da posse do movimento *hip hop*), que tem como um dos seus pressupostos a aproximação com a comunidade, na qual o trabalho vai ser desenvolvido.
14. Schirmer e Baldauf escrevem sobre a experiência de participarem de um projeto interdisciplinas que considera tanto a biodiversidade quanto a sociodiversidade da Mata Atlântica, trabalho conjunto com comunidade e governo, que deu origem a ONG Ação Nascente Maquine (Anama), uma associação de caráter cultural e ambiental, que visa a harmonia entre todos os seres vivos habitantes do vale do Rio Maquine (RS).

15. O artigo que encerra o livro refere-se a um texto coletivo escrito em forma de diálogo entre Nelson Rego, Dirce Suertegaray e Álvaro Heidrich sobre o conceito de hermenêutica e a possibilidade da caracterização do ensino de geografia como uma hermenêutica instauradora. Rego propõe a aplicação do termo hermenêutica instauradora para o ensino de geografia, proposta que parte do entendimento de que a geografia e o seu ensino parece exercer uma interpretação de um texto primeiro que é o espaço geográfico, o mundo, e que através de seus conceitos vai relacionando os fatos geográficos, até passar a estabelecer uma rede de muitos nexos, quando a complexidade pode ser abordada a partir da perspectiva local, do vivido. No diálogo, Heidrichi, questiona se esse sistema de leituras é algo equivalente a um processo de alfabetização, com esquemas fixos de assimilação, numa ciência que estuda um espaço cada vez mais dinâmico. Suertegaray, por outro lado, coloca a preocupação quanto ao fato de que se a hermenêutica possibilita uma diversidade de leituras, de compreensão, portanto pensa em quais tipos de intervenções poderiam ser propostas por uma leitura hermenêutica do espaço geográfico e, ainda, se seriam individuais ou coletivas. Sobre isso Suertegaray sugere que as práticas de construção das novas subjetividades viabilizariam um avanço na ciência. Rego justifica sua proposição como um esforço de enunciação, acreditando que o pôr-se em movimento a partir desse conhecimento ativo gerado pela perspectiva local e acontecimental, pelas necessidades é um pôr-se em movimento que pode refazer os conceitos anteriores, forçada pela constante necessidade de interpretação das coisas conhecidas.

Através destas e outras temáticas que constituem o conteúdo desta publicação, é que este trabalho contribui ao conhecimento da complexidade dos processos de formação dos professores de geografia, assim como traz propostas e reflexões que ajudam a impulsionar em nosso país o desenvolvimento teórico e epistemológico da Geografia e de seu ensino.

AMANDA REGINA GONÇALVES

(Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia, IGCE - UNESP, *Campus* de Rio Claro/SP e Pesquisadora da Rede para Investigação Transnacional e Transdisciplinar das Migrações – Europa AID – Alfa - Programa de Cooperação Acadêmica para a União Européia e América Latina).